AVEIRO, 11 DE ABRIL DE 1980 — ANO XXVI — N.º 1292

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Rumos heróicos da
INFANTARIA AVEIRENSE

Já aqui o dissemos em anterior edição: decorreram com elevado nível as celebrações do «Dia da Unidade do BIA (Batalhão de Infantaria de Aveiro), levadas a efeito em 20 de Março transacto. E acentuámos, então, que o respectivo Comandante, Tenente-Coronel Rui Ravara, proferiu uma notável alocução evocativa da história da Unidade, que, por sua valia, julgámos quase imperativo trazer a estas colunas, como valiosa achega para a historiografia local. Em linguagem acessível a um numeroso, mas diversificado, auditório, o distinto militar deixou bem vincada a histórica evolução daquele sector das Forças Armadas, de tão honrosas tradições, designadamente locais. Aqui transcrevemos passagens do valioso trabalho, na parte que particularmente respeita aos fastos aveirenses e suas correlações.

Celebramos hoje o «Dia da Unidade». Para o efeito foi escolhido o dia 20 de Março, data em que, há 171 anos, os valorosos soldados do Regimento de Infantaria 24 — em dia como o de hoje, talvez — se cobriram de glória no assalto à Praça de Chaves, então ocupada pelo invasor francês.

A coragem ímpar patenteada nessa ocasião pelos homens do «24» tem sido bastas vezes enaltecida e invocada como exemplo das qualidades que exornam o Soldado Português, e a nós, militares do Batalhão de Infantaria de Aveiro, herdeiros das gloriosas tradições do RI 24, cumpre-nos, não só exaltá-las e comemorá-las, mas seguí-las.

A participação no assalto à Praça de Chaves, embora notável feito de armas do nosso Exército, não é único no historial do RI 24. Esta gloriosa Unidade tem a sua remota origem no TERÇO DE BRAGANÇA com existência reconhecida em 1666, passando depois pelo Regimento de Infantaria de BRAGANÇA em 1707.

É em 1806 que o Decreto de 19 de Maio cria o Regimento de Infantaria n.º 24, no âmbito da reorganização do Exército Português, levada a efeito por BERESFORD com vista a prepará-lo para enfrentar o perigo napoleónico. De facto, pouco tardou que essa Unidade de élite fizesse soar bem alto o seu nome, impondo-se como uma das mais valorosas Unidades Portuguesas nas Campanhas da Guerra Peninsular.

Na fita da sua Bandeira podem ler-se nomes que são legendas de História Pátria: ROLIÇA, VIMIEIRO, PRAÇA DE CHAVES, PONTE DE AMARANTE, PRAÇA DE ALMEIDA depois, já na perseguição ao invasor francês por ESPANHA e pela própria FRANÇA, CIUDAD RODRIGO, BADAJOZ, SALAMANCA e

Continua na página 2

«*Uma* SUGESTÃO»

Com o título aqui em epígrafe, sugerimos, na pretérita semana, que voltasse a ser relevado na toponímia citadina o nome do devotado Aveirense que foi o DR. ARTUR ALVES MOREIRA — cujo recente falecimento constituiu (assim foi dito em reunião rotária, de que também nestas colunas demos nota) «uma perda para a Cidade». E, então, deferimos para o Município tão nobilíssima incumbência.

Ignorávamos, na altura, que a Câmara já havia tomado tal deliberação. Sem embargo, chegaram, entretanto, até nós (por escrito, pessoalmente e telefonicamente) numerosíssimos incentivos para que prosseguíssemos com vista a que se concretizasse a nossa sugestão.

O nome do saudoso Aveirense — que já figurara no antigo Bairro do Cabouco — vai agora ser rememorado em nova e importante artéria, na zona a Poente da Avenida de 25 de Abril.

Gaudeamus!

J. de S. M.

— Confesso que de política não percebo nada!
— Deixa lá... que há muitos políticos que também não!

Deve localizar-se em Aveiro o
CENTRO TECNOLÓGICO DA CERÂMICA E DO VIDRO

Na penúltima edição deste semanário, demos à estampa um artigo do nosso assíduo e distinto colaborador Eng. Cunha Amaral, subordinado ao título «Por que não em Aveiro o Instituto de Cerâmica e Vidro?». Com ponderosas razões, tos aduzidos pelo ilustre articulista, ninguém poderá atacá-los validamente, com o fundamento de que o autor do referido escrito se determinou por excessos etnocentristas, isto porque Cunha Amaral (defensão, sempre com justiça, de teses que reputa legítimas) nem

No próximo número:

«GUARDA FISCAL, CERÂMICA E VIDRO, e ainda TABELAS SALARIAIS»

Um artigo de VASCO BRANCO

entranhava ele, ali, a hipótese da localização em Coimbra de um Centro Tecnológico respeitante a tais indústrias — e, por discutíveis, eventualmente, os argumen- sequer viu luz em terras aveirenses. Entretanto, um diário nortenho — acreditamos que, apenas, por deficiente informação — relatava que, no Congresso dos Engenheiros, recentemente realizado em Coimbra, se apontara para a instalação, nessa cidade, do Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro. Desde logo, surgiram reacções contra tal hipótese, provenientes dos mais diversificados sectores, não só porque já existe na Universidade de Aveiro um específico departamento tecnológico, e até histórico, dedicado àquelas temáticas, quer sob o ponto de vista científico, quer técnico, quer mesmo evocativo — aliás, sob a regência de doutíssimos professores, alguns deles com elevada especialização, tanto no País como no estrangeiro. É de acentuar, para além do mais, que: no aspecto material, a região aveirense dispõe das mais diversificadas e quantiosas fontes de argila, desde os caulinos aos barros vermelhos e refractários; e, nos parâmetros históricos, este rectângulo distrital marca lugar relevante, numa recuadíssima tradição (teria sido no Covo que primeiro se fabricaram vidros em toda a Península) e notabilíssimas são, desde há muitos séculos, as produções, não só artesanais, mas artísticas, das cerâmicas locais, desde as utilitárias às esculturas barrísticas, acrescendo que Aveiro é, provavelmente, o mais relevante repositório nacional, como internacional, de azulejaria, de série e figurativa. Incontestável é, por outro lado, que Aveiro, ainda hoje, do funcional ao estético, no âmbito da cerâmica, constitui a origem de vasta exportação, fonte de divisas, nesta altura tão necessárias à economia nacional — e contam-

Continua na página 2

Achegas para a
HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

LXIV

«A PEÇA **Molho de Escabeche** mostra-nos a hospitalidade de Aveiro quando recebe os dois serranos que descem da montanha solitária ao ambiente acolhedor do Litoral. Depois, curiosos apontamentos típicos da Beira-Mar. A seguir, a tarefa das empilhadeiras, a evocação de uma targédia marítima, a tradicional e característica Festa dos Ramos, um apontamento ruidoso do Carnaval, um friso de tricanas com os seus xailes, uma tirada patriótica marcada junto da Nau «Portugal», a nota romântica ao longo da Ria, a alegoria à laboriosa população da Bairrada, as apoteoses movimentadas às gentes do mar e à Indústria.

Versos mimosos e agradáveis. Algumas charges felizes — à Nau, no Cortejo Histórico, e à regulamentação dos trajos nas nossas praias. Recortam-se, ainda, algumas rábulas de intencional efeito, como **Doido por festas, Velho pescador Amador de cacos** e **Boémio**. Apontam-se, ainda, alguns quadros decorativos de sabor local.

António José Flamengo, autor do poema, e o Dr. Luís Regala, que escreveu os versos, foram os

Continua na página 3

QUEM *e* QUANDO?

ORLANDO DE OLIVEIRA

MAIS uma vez se manifesta a juventude estudantil portuguesa, aquela mesma juventude generosa e pronta, entusiasta e patriota, que vai a Lisboa, em grandiosa demonstração, afirmar ao Chefe do Estado e ao Governo o seu apoio para a realização duma obra regenerativa e promissora. São mais de 1 500 estudantes universitários de Coimbra, Lisboa e Porto que, em cortejo cívico, se deslocam à sede dos centros de decisão. Esse cortejo é grandemente aumentado pela adesão, pronta e espontânea, de grande massa popular. O porta-voz proclama:

«Não sou eu quem fala. É uma geração inteira que sinto de pé, esperançosa como um exército à espera da voz dos que comandam. Nunca houve intenções mais puras nem mais generosas!»

Sente-se então a necessidade de organizar uma Instituição Civil que apoie a Ditadura Militar. Surge

Continua na página 3

AVEIRO/CIDADE
faz hoje 221 anos

11 DE ABRIL DE 1759 — Por um alvará deste dia, El-Rei D. José, considerando a situação natural, povoação e circunstâncias que concorrem na vila de Aveiro e nos seus habitantes, e folgando pelos ditos respeitos, e por outros que inclinaram a sua real benignidade, houve por bem elevar a dita vila de Aveiro, notável por mercê filipina, à dignificante categoria de cidade (*In* «Mil anos de História — Efemérides Aveirenses», por António Christo. Cf. *Litoral*, ano IV, n.º 204, de 13-9-1958, e *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. I, pág. 25).

Conhecer
AVEIRO 1
Utilização do Solo

IREMOS, em edições sucessivas, apresentar, numa série de pequenos artigos, dados exactos que permitam aos aveirenses melhor ficar a conhecer a sua terra, utilizando, de preferência, a linguagem aparentemente fria dos números e das percentagens.

Numa ocasião em que está em causa um tipo de regionalização bastante discutível no que respeita à posição a ocupar por Aveiro no esquema previsto por alguns «planeadores» — e acerca do qual este semanário tem expresso, nomeadamente em artigos assinados pelo nosso prezado colaborador Eng. Cunha Amaral, a sua opinião, com argumentos que terão de ser ponderados, em nome da Justiça e do Bom-Senso —, numa ocasião destas, diríamos, convirá dispor do maior número possível de dados exactos. É o que pretendemos fornecer aos nossos leitores, desde já deles chamando a atenção

Continua na página 5

Litoral

«BODAS DE PRATA»

Vigésima quinta Edição Comemorativa

Infantaria Aveirense

Continuação da 1.ª página

BURGOS, e nas célebres Batalha de VITÓRIA e de NIVELLE e, finalmente, já em 1814, em BAYONA.

Após esta épica campanha, os nossos heróicos antepassados Transmontanos — sim, porque, nessa época, era dessa Província a maioria do recrutamento do RI 24 — regressaram à Pátria, a BRAGANÇA, onde passaram a ter quartel permanente em 1816.

Depois, as vicissitudes das lutas intestinas em que a Nação se envolveu determinaram a extinção do Regimento, em 1834, após a Convenção de ÉVORA MONTE.

Mas o «24» não podia morrer... Recriado em 1884, agora com sede em PENAMACOR, é mudado em 1888 para PINHEL e, no início deste nosso Século XX, em 1901, é o RI 24 transferido para AVEIRO, onde chega em 19 de Dezembro de 1902, vindo instalar-se neste mesmo Quartel de Sá, onde agora nos encontramos.

E aqui se inicia um novo ciclo da vida do «24», agora Aveirense, mas não menos valoroso e digno do que quando era de Transmontanos a sua seiva. A fundamentar esta asserção, repare-se, é pouco tempo depois, com Portugal envolvido na 1.ª Guerra Mundial, que o RI 24 mobiliza o seu 3.º Batalhão de OVAR, para a Expedição que, sob o comando do General Ferreira Gil, embarca para MOÇAMBIQUE em 28 de Maio de 1916. Lá ficou sangue de filhos desta região, nas inóspitas margens do ROVUMA, na serra MECULA e em NEVALA.

Também as terras de FRANÇA iriam voltar a conhecer gente do «24». Em 23 de Fevereiro de 1917 outro Batalhão do RI 24 é mobilizado e parte para FRANÇA, entre os primeiros que para lá marcharam; é das últimas Unidades a regressar, já finda a guerra, em Abril de 1919, depois de participar na Batalha de La Lys.

Mas não fica por aqui a gesta do RI 24 aveirense. Pouco tempo passado, volta esta Unidade a reafirmar o seu prestígio. No Porto, em 19 de Janeiro de 1919, tinha sido proclamada a efémera Monarquia do Norte; os revoltosos dirigem-se para o Sul... mas do VOUGA não passam! Duas Companhias do RI 24, uma de AVEIRO e outra de OVAR, opõem-se decididamente aos revoltosos, e com tal denodo se empenham nos combates travados em 27, 28 e 29 junto de CACIA, que obrigam o adversário a retirar-se... não lhe dando tréguas nos combates de FROSSOS, ANGEJA em 30 de Janeiro, e SALREU-ESTARREJA em 11 de Fevereiro.

Dito assim, com esta simplicidade, nada transparece do que representou de heróico o comportamento dos valentes rapazes de AVEIRO e de OVAR nestes «combates». Melhor do que ninguém o faz esta curta citação que transcrevo: «Pelo comportamento dos Oficiais, Sargentos e Praças do Regimento de Infantaria 24 foi concedido à Cidade de Aveiro o grau de Oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito» (OE n.º 8 de 1919).

Permito-me aqui chamar a vossa atenção para o especial significado da citação que acabei de fazer; repare-se que o galardão foi concedido à Cidade de Aveiro pelo comportamento dos Oficiais, Sargentos e Praças do RI 24! Melhor fórmula não poderia ser encontrada para cimentar de forma indelével a íntima comunhão entre a Cidade e os seus Filhos, aqueles a quem confia a sua defesa e segurança — os militares. Agora, como em 1919, é perfeita a identificação entre as terras de AVEIRO e a sua Unidade, e assim deve ser, e assim continuará a ser, pois essa é a melhor garantia de coesão e do espírito de corpo, da disciplina e da lealdade, dos militares, como tal, no todo da sua Unidade, e face à Nação de que são parte indivisível.

Por isso militares aqui temos hoje connosco, a testemunhar essa comunhão, perante a gloriosa Bandeira do Regimento de Infantaria 24, símbolo das nossas tradições e dos nossos votos /.../.

/.../ Embora não deseje alongar demais esta alocução que pretenderia breve, seria imperdoável omissão não fazer referência ao nosso próximo antecessor, o nosso bem conhecido Regimento de Infantaria 10. Criada em 1939 esta Unidade, também ela herdeira das tradições do RI 24, manteve-se digna delas, elevando bem alto o seu nome, agora nas Campanhas do Exército Português no Ultramar, entre 1961 e 1974, em ANGOLA, na GUINÉ, em MOÇAMBIQUE, onde os Aveirenses continuaram a prestigiar a sua terra, disciplinados, aprumados, leais no seu juramento, valorosos no cumprimento do seu dever, onde e quando tal lhe fosse exigido.

Muito mais haveria a relatar sobre a gesta dos nossos valorosos antepassados. Não é esta, contudo, ocasião para me alongar. Em jeito de síntese final desta resenha histórica, poderemos dizer, pois, que as valorosas Unidades cujas gloriosas tradições herdámos, foram exemplos admiráveis de disciplina, fidelidade, lealdade, estoicismo e bravura, que as honram e distinguem entre as mais briosas e dignas do nosso Exército. Os valorosos Portugueses, Transmontanos primeiro, Aveirenses depois, que nelas serviram, sofrendo fadigas e inclemências inenarráveis, desde os bravios penhascos transmontanos, dos atoleiros do VOUGA, aos «mangais» da GUINÉ, dos gelados campos da Flandres, às tórridas plagas africanas, cobertos de neve, encharcados, enlameados, meio mortos de cansaço e de sede, nunca estes Portugueses mancharam a Bandeira do seu Regimento com um acto menos digno.

VALOR, LEALDADE E MÉRITO! Eis a legenda que os identifica! /.../.

Deve localizar-se em Aveiro o

Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro

Continuação da 1.ª página

-se por centenas, desde modestas oficinas até importantes complexos fabris, os locais de produção cerâmica e de vidro neste Distrito. Haja em vista, e a título de mero exemplo, a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, de reputação mundial, e o Centro Vidreiro, digno sucessor da quatrocentista vidraria do Covo.

Ora, foi precisamente o Director da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, o competentíssimo técnico Eng. Alberto Faria Frasco, aliás o Coordenador e Relator do «Tema 5 — Indústrias Ligeiras — Cerâmica e Vidro», do aludido Congresso dos Engenheiros (e, além disso, desde há pouco, a reger um curso da sua especialidade, na Universidade de Aveiro, e que também não é aveirense de nascimento), quem de imediato reagiu contra a inexactidão da notícia publicada no predito diário nortenho — tendo, simultaneamente, comunicado a verdade dos factos a outros orgãos da Imprensa, como ainda reafirmado tal verdade ao Ministro da Indústria e Tecnologia e ao Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial. E, nos pertinentes e oportunos documentos, o distinto técnico trascreve a alínea b) de C — DISCUSSÃO AO RELATO GERAL das Conclusões do referido CONGRESSO DA ORDEM DOS ENGENHEIROS, e que é do seguinte teor: «Que a decisão da localização do CENTRO TECNOLÓGICO seja devidamente ponderada, tendo em conta APENAS (**o sublinhado é nosso**) os dados que poderão influenciar, positivamente, a função para a qual vai ser criado, dados que sofreram profunda transformação nos últimos anos, nomeadamente com a criação do Departamento de Engenharia Cerâmica e do Vidro, da Universidade de Aveiro.»

Sabemos já do movimento que está a gerar-se em todo o Distrito de Aveiro — e não só... —, no sentido de evitar a leviandade (que alguns apenas consideram como ilegítima ambição político-regional), reacção essa que parte essencialmente de produtores, mas que, esperamos, venha a projectar-se, em justíssima reivindicação, nos meios autárquicos locais, designadamente a Assembleia Distrital, e, por liminar obrigação, através da autorizada voz do Governador Civil, como legítimo representante do Executivo.

J. de S. M.

Achegas para a Historiografia Aveirense

Continuação da 1.ª página

cozinheiros deste saboroso e tão característico **Molho de Escabeche**, que, sem hesitação, pode ser servido em qualquer dos nossos palcos, com a certeza de satisfazer. É pena que alguns **sambas**, integrando a fantasia no ritmo estrangeiro, desviem a peça do seu verdadeiro carácter.

A MÚSICA — Pertence ao professor João Lé a partitura, que é agradável e melodiosa, embora, de quando em quando, influenciada por números internacionais. Possui um **minuete** delicado e um **concertante** inspirado, cheio de contrastes e bem orquestrado. O **fado-canção** tem sentimento, assim como o número do **Cavador**. A valsa de Nóbrega e Sousa tem suavidade e largueza. A orquestra, sob a direcção de João Lé, deu atenta execução à partitura.

A INTERPRETAÇÃO — Não se pode exigir mais de amadores. Todos trabalharam com vontade. Muita mocidade e alegria. Por vezes, um certo dinamismo. Um dos grandes factores do êxito da fantasia está, sem dúvida, no seu desempenho. Ângela de Jesus, à frente do conjunto, é uma revelação. Canta, diz com intenção e a gesticulação é precisa, certa. Naturalidade e frescura — duas características que se notam nos seus trabalhos. Está ali o estofo de uma actriz. Laura de Albuquerque é outro valor nas suas interpretações comunicativas de alegria e ternura. Adelaide Ferreira, muito graciosa. Lourdes Teles tem a presença semelhante a certas **vedetas** do Cinema. É uma alegre **commère**. Ester Amaral, a **Micas**, mostrou seguras aptidões para característica. Maria Celeste Matos foi... um **sorriso**, num chefe de quadro. Maria do Céu Lourenço, Virgínia Calisto, Democracia Graça e Zídia Lemos, bons elementos. António José Flamengo — um dos autores — deu relevo aos seus personagens, embora num deles — **Doido por festas** — tivesse retoque um pouco carregado. Sebastião Amaral, fez vários tipos de graça. F. Morais Sarmento dispõe de vivacidade e vontade de acertar; as suas interpretações demonstram qualidades. Luís António — um **baixo** com qualidades — houve-se correctamente. Mário Teles fez, com sentido de observação, o **Velho pescador**. Firmino Costa, José Duarte Vieira e Agnelo Coelho dão boa colaboração.

Apurnado o **corpo coral**, sobretudo rostos sorridentes, exteriorizando a alegria precisa no teatro musicado. Equilíbrio e harmonia nas marcações. Sonoridade afirmada nos coros.

MONTAGEM — A peça está esmeradamente montada. Cenários de bom colorido — aspectos panorâmicos de Aveiro que são surpreendentes de beleza. O guarda-roupa acusa magnífico desenho decorativo e é luxuoso.

Em resumo: um atraente e agradável espectáculo.»

O que atrás se transcreve é uma parte do que publicou o jornal **O Primeiro de Janeiro**, de 17 de Março de 1941.

A propósito da interpretação do **Doido por Festas**, vem a talhe de foice dizer que, no primeiro espectáculo do Coliseu, um dos censores que havia assistido ao ensaio, que serviu para a respectiva comissão fazer a censura, ao ver o desempenho de tal personagem, desabafou: «Este levou-me; se ele tivesse, depois, representado assim, eu cortava este personagem, pois, agora, deu-lhe a intenção que ele — que é o autor — desejava dar, e que, no ensaio, teve a habilidade de encobrir. É certo que as palavras são as mesmas, mas a maneira de dizer foi outra...».

Mas... para o êxito desta, como o de todas as outras peças teatrais, contribuem, não somente os figurantes — que o espectador, repimpadamente, sentado na sua cadeira, vê desfilar pelo palco —, como, também, outros que se não vêem.

Quem nunca assistiu ao que se passa nos bastidores, não pode calcular o movimento que, por lá, se faz.

São os carpinteiros que têm de desmontar e montar os cenários num tempo mínimo, a fim de evitar que os intervalos se tornem excessivamente demorados, para o que é necessário ter tudo em ordem, com um chefe capaz de dirigir a equipa de forma a que cada um dos seus componentes se desempenhe da obrigação que lhe foi distribuída, sem atropelos: o Belmiro Fartura, que tinha enorme facilidade de resolver os problemas que surgiam, comandava uma equipa treinada por ele e que era muito eficiente. No Coliseu dos Recreios ouvi eu os profissionais do palco tecerem-lhe os maiores elogios.

E são os homens das cordas que movimentam as cortinas, os telões e o pano de boca, que têm de estar atentos, e executar, a tempo, as ordens dadas pelo **contra-regra**, ou, como aconteceu nas revistas de que tenho vindo a falar, estarem, com muita atenção aos toques de campaínha e às luzes de várias cores manobradas pelo **ponto** que tomou, para si, o encargo de comandar o pessoal do palco (com o fim de facilitar a missão do contra-regra) e, até, de fazer o pré-aviso e a ordem de execução ao chefe da orquestra e aos próprios músicos.

E, sem qualquer vaidade da minha parte, quero recordar a cara de espanto dos profissionais do Coliseu quando lhes pedi para fazerem a montagem das luzes e campaínhas nos locais que lhes indiquei, com ligação a um **painel** que estava no **burado do ponto**, (que nós havíamos levado de Aveiro) e do qual fizemos uso em todos os espectáculos. Questionaram, e não queriam fazer tal serviço, por entenderem ser uma **chinesice**, pois, na sua opinião, o **ponto** não tinha possibilidade de se manter atento ao decorrer da peça, ao comportamento dos personagens e, ainda, manobrar o tal painel. Nunca tinham feito tal coisa.

Foi necessária a intervenção enérgica do empresário do Coliseu, para que o electricista, com a ajuda do falecido Mário Pessoa, conseguisse ter o trabalho pronto um pouco ante de se iniciar o espectáculo.

E é o **contra-regra** que tem de andar atrás de toda a gente para que, a tempo e horas, não falhem nas suas entradas, saibam as suas primeiras palavras (não vá ter uma amnésia) e não se esqueçam de levar consigo os objectos de que devam servir-se em cena.

O Natividade e Silva, formado (pela muita prática) na execução desse lugar, foi o escolhido, e sempre o desempenhou a contento de todos devido à sua paciência e diplomacia, ou melhor, maleabilidade.

Na preparação dos espectáculos, outros personagens têm de trabalhar muito: ensaiadores, caracterizadores, aderecistas, etc., etc. de que, talvez, venha a falar, noutra ocasião.

Por agora, faço ponto final nestas coisas de teatro, para não me tornar maçador.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

QUEM e QUANDO?

Continuação da 1.ª página

a ideia de lançar a «Confederação Académica da União Nacional» e a «Milícia Lusitana».

O General Carmona, Chefe do Estado e Presidente do Executivo, necessita de ser aliviado de tantas e tão grandes responsabilidades. Irá abandonar mais tarde a chefia do Governo e só não realiza de momento eleições para Presidente da República porque a situação financeira do País exige rigorosa austeridade.

Sobressaiem entretanto os «homens de Paris», um grupo de políticos exilados. Saudosos e desejosos de voltar a governar, continuam uma mesquinha guerrilha de intrigas e tentam torpedear as diligências do Governo para a concessão de um empréstimo externo.

Afastado há muito do Governo o Comandante Filomeno da Câmara, esse afastamento causa descontentamento nas Forças Armadas e gera uma tentativa de golpe de Estado que o bom senso sustém. Acalmados os ânimos, o Governo decide o regresso do exílio do Marechal Gomes da Costa e esta medida, fartamente aplaudida, traz uma época de serena acalmia ao País.

Radica-se a ideia da criação da Organização Civil que apoie o Governo e é criada a «União Nacional», não como partido político, muito menos como partido único, à maneira do modelo totalitário, mas como Entidade disposta a aceitar «/.../ a colaboração dos indivíduos /.../ que desinteressada e voluntariamente desejem trabalhar para o prestígio das instituições, para o bem-estar e progresso do País e para defesa da Ordem».

O Governo, sempre vigilante e atento à manutenção da Ordem Pública, descobre actividades várias de organizações comunistas comandadas por instruções provenientes de Moscovo: redes de infiltração comunista tendentes à difusão de princípios bolchevistas entre professores do ensino primário e do ensino secundário; assassínio de Luís Derouet, administrador da Imprensa Nacional, por um operário comunista que pretendia ser ilegalmente admitido naquele estabelecimento; descoberta e feita a apreensão de alguns caixotes com bombas e granadas de mão numa casa da rua do Benformoso; descoberto e feito o desmantelamento duma organização comunista que abrangia cinco sindicatos bombistas.

Tudo isto era prova provada da necessidade da referida vigilância governamental, sob pena de se desfazerem os esforços, já então grandes e laboriosos, empreendidos pelos militares do «28 de Maio» para salvação do País.

Curioso será registar que as medidas então tomadas para reforço dessa vigilância motivaram uma manifestação realizada por algumas centenas de operários que foram dar o seu apoio ao Governo. O povo trabalhador, o tal povo de quem tantos falam... só por falar, sabe bem distinguir o bom do mau.

Esta manifestação popular é sintoma evidente de que alguma coisa está a mudar para melhor na vida portuguesa. As tentativas já realizadas para melhorar a saúde do País doente eram bem conduzidas e encontravam aceitação geral. Pouco a pouco, perdiam crédito as frases campanudas e as promessas demagógicas. Tanto nas ruas da capital como por todo o País, a ordem era estável, passeava-se à vontade e sem receio de bombas nem de tiros.

No final do ano de 1927, anunciava-se a realização de eleições, nomeadamente para a presidência da República, lá para Fevereiro de 1928.

A essas seguir-se-iam as dos corpos administrativos, depois de completada a organização da «União Nacional Republicana».

Estruturava-se deste modo a vida política saída do «28 de Maio». Esta era uma condição essencial para possibilitar a realização da verdadeira Revolução Nacional.

O ano de 1928 seria a época da estabilidade e, para isso, iria contribuir grandemente o aparecimento em cena do grande financeiro, posteriormente grande timoneiro.

Em 1926 fizeram os militares a Revolução para libertarem o País da gangrena política. Uma revolução, para poder ser bem sucedida, não pode nem deve ser badalada. No momento de estalar uma revolução desta natureza, só um pensamento existe: varrer a casa e limpar as ervas daninhas. Depois virá o arranjo para nova vida, mas nada está preparado para isso. Há oscilações, indecisões dos novos, espernear dos antigos. Até que se vão conhecendo melhor as possibilidades humanas ocm que se pode contar e se encontra o «Norte».

Estas situações saltitantes demoraram dois anos a resolver até encontrar a «Via Rápida» por onde se pôde marchar com rapidez até atingir a meta: início da salvação financeira e da regeneração económica.

Demoraram 2 anos, dissemos, mas agora já passaram mais de 5 e nada se tem feito senão dar cabo do que havia, tanto em estruturas como em economia. Desde Abril de 1974, tem-se descido vertiginosamente a rampa do descalabro, do desgoverno, da destruição de valores morais e históricos, do... gastar mais do que se pode, de fazer vida de rico sendo nós pobres. Tem sido um regabofe geral a que, por antonomásia, se chama «as conquistas alcançadas pelo 25 de Abril».

Admitindo que a vida se processa por ciclos alternados, crê-se que a um século mau se seguiu meio século bom, de saneamento social, político, económico, cultural, etc. A esse meio século bom sucedeu uma época terrivelmente má, de ódios, de reivindicações desmedidas, de ambições pessoais descomandadas, que já dura mais de 5 anos e meio.

Pergunta-se: quando se dará início à nova fase de ressurgimento? E quem se encarrega disso?

ORLANDO DE OLIVEIRA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta . . .	CENTRAL
Sábado . . .	MODERNA
Domingo . .	ALA
Segunda . .	AVEIRENSE
Terça	AVENIDA
Quarta . . .	SAÚDE
Quinta . . .	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Novo Desembargador: DR. VILHEGAS E VALLE

Foi recentemente promovido a Desembargador, e colocado na Relação do Porto, o Dr. José Alexandre Lucena Vilhegas e Valle.

O distinto magistrado — filho da notável (e, agora, saudosa) personalidade de renome nas Letras, o Dr. A. de Lucena e Valle, que foi, além do mais, Director da tão prestigiada revista «Beira Alta» e cultíssimo investigador e historiógrafo —, desempenhou, com assinalável aprumo, durante mais de oito anos, as funções de Juiz no Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro, aqui conquistando, por sua natural simpatia e afabilidade, amigos em quantos lhe conhecem as raras virtudes e qualidades.

No Centro de Informática do Ministério da Justiça o DR. JOÃO AUGUSTO BRANCO

Após ter exercido com notável proficiência — conquistando a simpatia e admiração das gentes locais —, as funções de Conservador do Registo Civil em Reguengos de Monsaraz, foi recentemente colocado como jurista do Centro de Informática do Ministério da Justiça o Dr. João Augusto da Silva Branco.

Nascido no lugar da Cale da Vila, próxima freguesia da Gafanha da Nazaré, o jovem Dr. João Branco (conta apenas 26 anos de idade), é filho da sr.ª D. Maria Luísa de Morais e Silva e do reputado cineasta-amador, artista plástico e escritor Dr. Vasco Branco, que tanto tem contribuído para projectar, não só no País, como além-fronteiras, o nome de Aveiro, sua terra natal, um dos primeiros e dos mais distintos colaboradores deste semanário.

O novel, e já ilustre, jurista licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Prestou provas na Universidade de Aveiro o DOUTOR PEREIRA DE MELO

Perante um Júri presidido pelo Reitor, Professor Mesquita Rodrigues, tendo como vogais os Doutores Abreu Faro, Figanier, Borges da Silva, Fontoura da Costa (estes, do Instituto Superior Técnico), Cerveira (da Universidade Nova de Lisboa) e John Gray (da Universidade de Manchester), prestou provas com pleno êxito (nos dias 17 e 18 do mês transacto) de concurso, para Professor Extraordinário de Comando Automático do Departamento de Electrónica da Universidade de Aveiro, o Doutor António Ferreira Pereira de Melo, que já aqui exercia a docência como Professor Auxiliar.

Doutorado pela Universidade de Manchester (U. M. I. S. T.), com a respectiva equiparação em Engenharia Electrónica por Universidade Portuguesa, o Doutor Pereira de Melo teve como arguentes os Doutores John Gray e Cerveira, no primeiro dia, e, no segundo, foi arguente o Doutor Fontoura da Costa da lição que versou sobre «Filtragem óptima em tempo discreto».

De notar que o Doutor Pereira de Melo é marido da primeira doutorada pela Universidade de Aveiro, a distinta ilhavense Dona Maria Beatriz Fernandes Matias, a cujo acto de doutoramento fizemos desenvolvida referência em nossa edição de 8 de Fevereiro último.

O PAVILHÃO DO GALITOS

O Clube dos Galitos promoveu há dias uma reunião com diversos técnicos associados e amigos da colectividade, visando uma troca de impressões acerca do Pavilhão Gimnodesportivo que o Clube pretende construir no terreno que a Câmara de Aveiro colocou à sua disposição na zona das Barrocas.

Entretanto, o gabinete técnico **D'AVEIRO — Arquitectos e Engenheiros, L.da**, ofereceu-se para elaborar o projecto do pavilhão, em condições extremamente favoráveis para o Clube.

Pensa-se que o projecto começará a ser delineado dentro de poucos dias, de forma a poder ser apresentado às entidades oficiais e aos associados do Clube durante o mês de Julho.

«Ameaça de despedimento no Centro Social de Esgueira»

Da Comissão Executiva Distrital do Sindicato dos Professores, recebemos um comunicado, datado de 6 de Março de 1980, com o título que encima esta notícia, e cujo texto é o seguinte:

«O Executivo Distrital de Aveiro do Sindicato dos Professores tomou conhecimento de que a Direcção do Centro Social de Esgueira, instituição de utilidade Pública Administrativa e de promoção sócio-cultural de tipo associativo, se prepara para despedir duas das suas trabalhadoras sindicalizadas através deste Executivo.

Trata-se de uma Educadora de Infância e de uma ajudante de Educadora de Infância.

As referidas trabalhadoras prestam serviço naquela instituição há mais de quatro anos e, até hoje, nunca o seu trabalho merecera uma simples advertência.

É, pois, com espanto e indignação que este Executivo reage à ameaça de despedimento já formulada contra estas suas associadas, já que, nos precisos termos da Lei, que a Direcção invoca, só há justa causa para o despedimento quando se verifique da parte do trabalhador «Desinteresse **repetido** pelo cumprimento, com a diligência devida, das obrigações inerentes ao exercício do cargo ou posto de trabalho que lhe esteja confiado».

Ora, a serem verdadeiras as razões que a Direcção do Centro Social de Esgueira apresenta — e, segundo as trabalhadoras, são puramente forjadas —, elas não revelam o carácter de «desinteresse repetido», essencial para que a Lei se lhes possa aplicar. Para que se verificasse esse carácter de «desinteresse repetido» seria necessário que o seu comportamento, até ao momento, não fosse, como é, isento de qualquer reparo.

Segundo o que este Executivo julga saber, o que estará verdadeiramente em causa não é, pois, o não cumprimento das obrigações inerentes às funções das trabalhadoras atingidas. O que estará verdadeiramente em causa, e é isso o que a Direcção do Centro Social de Esgueira visará atingir, é o papel destacado destas trabalhadoras na denúncia de todo um clima de repressão e calúnias que se vem vivendo no Centro, a partir do momento em que elas se envolveram num movimento de sócios e pais, que acusava fundadamente a Direcção de incompetência, ilegalidade e compadrio.

Apurou, de facto, este Executivo que, muito recentemente, um grupo de pais e sócios obrigou a Direcção a uma Assembleia Geral para se apreciar a situação em que O Centro tinha caído. De facto, segundo os Estatutos, o Centro Social de Esgueira tem de realizar eleições para os corpos gerentes de 2 em 2 anos, a Direcção tem de apresentar contas e relatório todos os anos, a Direcção tem de reunir, pelo menos, uma vez por mês. Nada disto se cumpriu, ao longo de 4 anos. A Direcção, na prática, ficou reduzida a dois elementos, um dos quais assumiu ditatorialmente todas as decisões, mesmo no domínio pedagógico, para o que ninguém lhe reconhece capacidade específica.

No desenrolar de todo este processo, o corpo de trabalhadores dividiu-se em dois blocos — dum lado, o pessoal dos serviços de apoio (cozinha, refeitório, lavandaria) entre o qual se encontra a própria esposa do tal elemento da Direcção que em tudo superintende; do outro, o pessoal técnico a quem as crianças estão entregues.

E é neste contexto que a Direcção, reactivada após a Assembleia Geral que publicamente demonstrou todas as acusações, atinge de ameaça de despedimento as duas trabalhadoras, que mais consequentemente têm denunciado toda a situação a que chegou o Centro Social de Esgueira.

O Executivo Distrital de Aveiro do Sindicato dos Professores não pode assistir, sem protesto firme e pública denúncia, ao que considera um simples acto de vindita e represália contra as suas associadas.

O Executivo declara-se, desde já, activamente solidário com as trabalhadoras e decide-se a seguir atentamente o processo das suas associadas, conforme é seu dever, recusando-se entretanto a acreditar que, duma forma tão grosseira, a Direcção do Centro Social de Esgueira possa negar um direito tão fundamental como é o direito ao trabalho, que é como quem diz, ao pão e à subsistência.»

«RIA DE AVEIRO» é Clube da «Banda do Cidadão»

Em recente jantar de convívio, realizado no Restaurante das Glicínias, foi comemorada a inauguração do Clube «Ria de Aveiro», integrado apenas por elementos da «Banda do Cidadão», ou «Citizen Band», como é internacionalmente designado.

As instalações, provisórias, do Clube funcionam em dependência do referido restaurante.

Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo

A lista B (proposta pela Direcção cessante) venceu, embora por escassa margem, as eleições para os novos corpos gerentes da Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo, para o próximo triénio, e que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Dr. António José Valente, Joaquim Júlio Coito Adão e Manuel Dias Póvoa.

Direcção — José Ferreira Reigota, António Maio Ferreira Capela e António Ferreira de Pinho (este também reconduzido).

Conselho Fiscal — João Gandarinho Fidalgo, Manuel Oliveira Figueiredo e José Capela Ferreira Gordo.

Na Feira de Março VISEU e AVEIRO vão confraternizar

Amanhã e no dia seguinte, dias 12 e 13, Aveiro e Viseu vão-se «apertar as mãos», em encontros de franca amizade, numa aproximação que ambas as cidades sentem ser, não só necessária, como de certo modo urgente, num momento em que começa a «apertar-se o cerco» de um tipo de regionalização acerca da qual há muitas dúvidas e demasiadas intenções... demasiado evidentes — e que podem prejudicar o desenvolvimento harmónico de algumas zonas do País, nomeadamente aquela que pode vir a integrar exactamente as duas referidas cidades. Mas, deixemos para outro local as achegas que, aliás, temos vindo a proporcionar sobre o assunto, e voltemos ao motivo desta notícia.

De facto, amanhã, sábado, pelas 18 horas, terá lugar, no Pavilhão da Feira de Março, no «stand» de artesanato de Viseu, uma prova de vinho do Dão, patrocinada pela respectiva Federação de Vinicultores. A broa de Vildemoinhos, o queijo da serra, o presunto e o chouriço de Lamego também não faltarão ao «encontro»...

Uma hora antes, ter-se-á realizado, na Câmara Municipal de Aveiro, uma recepção às entidades viseenses — e, já depois da «prova» referida, haverá um jantar de confraternização.

Ainda na noite de sábado, o Orfeão de Viseu proporcionará um espectáculo, em que também participará o aveirense Coral Vera Cruz. Por sua vez, às 22.30 horas, a Orquestra Convívio de Viseu dará um concerto no recinto da Feira.

No dia seguinte, domingo, 13, a etnografia e o folclore de Viseu estarão presentes no mesmo local, às 17.30 e 22 horas, com actuações a cargo do Grupo de Trajes e Cantares de Calde e o Rancho Folclórico «As Costureirinhas de Cavernães».

Correspondendo a esta visita, Aveiro estará em Viseu em 14 de Setembro próximo, dia que lhe será dedicado, no âmbito da prestigiada Feira de S. Mateus.

Temas de grande actualidade discutidos pelos ROTÁRIOS

Em recentes reuniões (dias 24 e 31 de Março findo), do Rotary Clube de Aveiro, presididas por Abel Santiago e secretariadas por Francisco E. Dias, foram, como se impõe, tratados assuntos de interesse interno.

Além disso, na primeira reunião citada, Mesquita Rodrigues fez uma comunicação sobre a futura instalação do Centro de Tecnologia Cerâmica, assunto que tem despertado interesse na Imprensa e ao qual nos referimos, noutro local desta mesma edição, com o merecido relevo. Mesquita Rodrigues, depois de salientar que, tendo a Universidade de Aveiro (de que é Reitor), cursos para a formação de Técnicos Cerâmicos, é lógico ser esta cidade aquela que melhores condições reúne para a implantação do Centro de Tecnologia Cerâmica. Paralelamente, reforçou este facto com a particularidade de a grande força desta Indústria estar na nossa Região, no Norte e Centro do País. Defendeu a importância da implantação desse Centro, para assim poder prestar o apoio necessário à Indústria Cerâmica, não só com ensaios, testes e investigação tecnológica, como também em muitos outros campos — e chamou a atenção do Clube para a posição que deve tomar neste caso, como também para a influência dos seus membros nos seus diversos sectores de actividade económica e política.

Por sua vez, e sobre o mesmo assunto, Francisco E. Dias, que recordou já ter estado directamente relacionado com o mesmo assunto, também tomou posição favorável à instalação do futuro Centro de Tecnologia Cerâmica na nossa cidade, focando incríveis argumentos apresentados por outras forças para que esse Centro seja implantado noutra cidade. Sobre o mesmo tema, ainda intervieram Gervásio Aleluia, Carlos Grangeon e Abel Santiago.

Na sequência dessa mesma reunião, França Morte levantou o problema da dificuldade no recrutamento de pessoal especializado para a sua Empresa, manifestando a sua estranheza por verificar que as autoridades competentes tomarem as necessárias disposições para a criação de Centros de Formação Profissional. Sobre o mesmo tema, Teixeira Carneiro fez desenvolvida e interessante exposição sobre a forma como a iniciativa privada tem de actuar, focando aspectos da formação profissional que a Empresa que administra está a orientar, quer para os seus próprios quadros, quer para os dos novos países de expressão portuguesa.

Ainda acerca deste delicado mas real problema, intervieram Fernando Mendes (para informar que, nos seus quadros de pessoal especializado, os melhores são os que passaram pela Escola Técnica de Aveiro, além de outros, que, entretanto, emigraram), Mesquita Rodrigues e Edgar Panão (para reconhecerem a verdade da existência dos problemas relacionados com a Formação Profissional do nosso País, mas realçando que a sua solução não pode nem deve ser separada da formação cultural simultânea).

Na segunda reunião a que nos referimos, Ilídio Rodrigues apresentou um trabalho, subordinado ao tema «O Homem, a sociabilidade e o conflito», que mereceu a maior atenção e interesse dos assistentes, não só pela profundeza dos conceitos, como pelo brilhante raciocínio seguido na apresentação de um tema cuja actualidade tem sido (e continua a ser) uma constante na vida da Humanidade.

Leilão dos achados na via pública

No dia 15 do corrente, realizar-se-á, nas instalações do Comando Distrital de Aveiro da PSP, com início às 10 horas, o leilão dos achados na via pública e que não foram reclamados no prazo legal.

Empresa aveirense na NAUTICAMPO - 80

Da empresa «Ducauto/Riamar» recebemos convites para ingresso na «Nauticampo-80 — Salão Internacional de Ocupação dos Tempos Livres» (que se realizou no recinto da FIL — Feira Internacional de Lisboa, de 21 a 30 do pretérito mês) e onde aquela prestigiada firma aveirense apresentou a sua vasta gama de barcos de recreio, fabricados em fibra de vidro.

Gratos pela gentileza.

Continuações da última página

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas; sábado, 12 e domingo, 13 — às 15.30 e 21.30 horas — OS BONS E OS MAUS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, 15 — às 21.30 horas — O DRAGÃO DE OURO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Quarta-feira, 16 — às 21.30 horas — «F. M.» — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine-Avenida

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — OS DEMÓNIOS DO KARATÉ — Interdito a menores de 13 anos.

Sábado, 12 — às 15.30 e 21.30 horas — A ÚLTIMA VALSA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 13 — às 15 e 21.30 horas — O PRÍNCIPE E O POBRE — Não aconselhável a menores de 13 anos; **às 17.30 horas** — AS NOVIÇAS — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Segunda-feira, 14 — às 21.30 horas — A FÚRIA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, 15 — às 21.30 horas — D. QUIXOTE CAVALGA DE NOVO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Estúdio 2002

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — O DIABO DESEMPREGADO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 12; domingo, 13 e segunda-feira, 14 — às 15 e 21.30 horas — O CÃO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Sábado, 12 e domingo, 13 — às 17.30 horas — CHANTAGEM SOBRE UMA MULHER CASADA — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 15 e Quarta-feira, 16 — às 16 e 21.30 horas — CACTUS JACK «O VILÃO» — Não aconselhável a menores de 13 anos.

ADERAV

• Preocupações

Da ADERAV — Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro — recebemos um texto em que são focados diversos assuntos de interesse local. Assim, após se congratular com a decisão municipal quanto à preservação das fachadas dos edifícios «Arte Nova» da antiga Rua do Cais, manifesta preocupação com o futuro do conjunto urbano-industrial da «Fábrica Jerónimo Pereira Campos», assim como os prédios sitos na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 146/148 e na Rua do Capitão Sousa Pizarro, n.º 58, cuja preservação também preconiza.

Seguidamente, manifesta preocupação com o que se passa na Pateira de Fermentelos, «onde milhares de peixes continuam a aparecer mortos ao cimo da água» — e interroga-se, depois, quanto ao estudo que sobre a degradação da Pateira teria sido levado a efeito pela Universidade de Aveiro.

• Problemas da RIA DE AVEIRO

Tal como oportunamente anunciámos, a ADERAV promoveu, no dia 22 do mês findo, no anfiteatro da Universidade de Aveiro, uma sessão de trabalho, orientada pelo Eng.º Cunha Dias e subordinada ao tema: «S. Jacinto — Colónia de Garças e Aves da Ria».

Segundo o texto que recebemos daquela Associação, ter-se-á, então, concluído que «a Ria de Aveiro está cada vez mais pobre», nomeadamente pelo facto de as garças de S. Jacinto terem praticamente deixado de nidificar na respectiva mata, e de ter vindo a decrescer substancialmente o número de gaivotas em toda a Ria.

Foram apontadas as mais prováveis razões desses factos, assim como apresentadas sugestões para os resolver ou, pelo menos, minorar as respectivas consequências.

• «Problemas do litoral dunar»

Amanhã, dia 12, a ADERAV promove, no Anfiteatro da Universidade de Aveiro, uma sessão, com início às 15 horas, subordinada ao tema: «Problemas do litoral Dunar — Ilha da Inhaca (Moçambique) — Litoral da Região de Aveiro», com projecção de «slides», seguido de colóquio, orientado pelo Dr. Armando Moura.

● De José Eduardo Alves Fragateiro, recebemos amável ofício, endereçado ao director deste semanário, nos seguintes termos: «Tendo-me sido comunicado pelo Ex.mo Sr. Director (do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) a decisão da minha exoneração do cargo de Delegado Regional de Aveiro do FAOJ, não quero deixar de manifestar os meus melhores agradecimentos pela empenhada colaboração que sempre recebi de V.ª Ex.ª. Renovando os meus agradecimentos, que peço estenda a todos os colaboradores, despeço-me, com os melhores cumprimentos».

Registamos, e agradecemos a gentileza.

● Além disso, recebemos, da Sociedade Recreio Artístico, agradecimento pelo relevo dado pelo «Litoral» às comemorações do 84.º aniversário daquela colectividade aveirense — o que muito nos sensibilizou.

Conhecer AVEIRO

Continuação da 1.ª página

para o facto de talvez ser conveniente formar com esta série de artigos um pequeno «dossier», para mais fácil consulta, porquanto os elementos que vamos fornecer acabarão por constituir um todo, havendo sempre que levar em consideração dados apresentados em anteriores artigos.

Para que os leitores disponham de termos de comparação, referiremos, em confronto, três cidades: Aveiro, Coimbra e Viseu.

Comecemos, pois:

UTILIZAÇÃO DO SOLO

Superfície total: **Continente: 88 500 km2; AVEIRO: 2 708 km2; Coimbra: 3 956 km2; Viseu: 5 019 km2.**

Superfície agrícola: a) Sequeiro: **Continente: 42 138 km2· AVEIRO: 410 km2; Coimbra: 925 km2; Viseu: 1 191 km2. b)** Regadio: **Continente: 6 202 km2; AVEIRO: 537 km2; Coimbra: 534 km2; Viseu: 772 km2. c)** Total: **Continente: 48 340 km2; AVEIRO: 947 km2; Coimbra: 1 459 km2; Viseu: 1 963 km2.**

Superfície florestal: **Continente: 27 500 km2; AVEIRO: 1 290 km2; Coimbra: 1 770 km2; Viseu: 1 730 km2.**

Incultos e salinas: **Continente: 11 006 km2; AVEIRO: 330 km2; Coimbra: 630 km2· Viseu: 1 255 km2.**

Superfície social: **Continente: 1 522 km2; AVEIRO: 141 km2; Coimbra: 88 km2; Viseu: 68 km2.**

Por hoje, ficamos por aqui, salientando que os elementos fornecidos são retirados da publicação mais recente, editada pelo Ministério da Administração Interna, intitulada «A Região Centro — em Mapas e Quadros», e da responsabilidade da respectiva Comissão de Planeamento.

No próximo artigo trataremos de **Demografia.**

J. de S.M.

BASQUETEBOL

SÉRIE DOS ÚLTIMOS

	J	V	D	Bolas	P.
Salesianos	12	9	3	861-669	21
ILLIABUM	12	8	4	789-695	20
Guifões	12	7	5	688-687	19
GALITOS	12	6	6	696-747	18
Académica	12	4	8	711-743	16
Vilanovense	12	4	8	752-803	16
Leça (a)	12	3	9	719-882	14

(a) — Averbou uma falta de comparência.

Por ter conquistado o título nortenho, a turma da OVARENSE ganhou direito a subir à I Divisão, a partir da próxima época. Os outros grupos do Distrito (ILLLIABUM e GALITOS) conseguiram posições que lhes permitem continuar na II Divisão. Para a III Divisão, na Zona Norte, baixará a equipa do Leça.

Taça de Portugal

de Maio, GALITOS — SANJOANENSE, Salesianos — Beirões e Vilanovense— Desportivo de Leça.

Ficaram entretanto apurados para a segunda eliminatória: na Série A, o Académico do Porto (isento no sorteio) e o ESGUEIRA (por desistência do União de Leiria); e, na Série B, o Fluvial (por desistência do Sporting Marinhense).

•

No que diz respeito à **Taça de Portugal** para equipas femininas, a primeira eliminatória nortenha disputa-se no domingo, à tarde, com o seguinte calendário de jogos:

Série A

Cdup — Joarsan e Académica ESGUEIRA. Ficou apurada para a segunda eliminatória a Académica do Fundão, por desistência do ILLIABUM.

Série B

Desportivo da Covilhã — Basquete do Porto e GALITOS — SANGALHOS/VINHOS DA BAIRRADA. Por sorteio, ficou isento e apurado para a próxima ronda o grupo do Naval 1.º de Maio.

I Torneio de Minibasquete do Beira-Mar

Carvalho (4), Adriano Ferrão (2), Paulo Vasconcelos, Artur Carvalho, Abílio Duarte (1), Luís Alberto, Paulo Correia (4) e Paulo Campos (2).

Arbitraram os «amigos» Francisco Ramos e Jorge Alves.

1.ª parte: 16-9. 2.ª parte: 22-5.

•

SALESIANOS (35) — António Pinto (3), Jorge Arantes (3), Carlos Carvalho (13), Adriano Ferrão, Artur Carvalho (2), Abílio Duarte, Luís Alberto (8), Rui Nascimento, Paulo Correia (2) e Paulo Campos (4).

SANGALHOS (36) — João Seabra (1), Álvaro Correia (5), Pedro Santos (3), Hermes Cruz (8), Edgar Baptista (3), Tó Maia (5), Carlos Santiago (6), Carlos Tomé (4), Miguel Teixeira e Joaquim Pacheco (1).

Arbitraram os «amigos» Carlos Amaral e Jorge Alves.

1.ª parte: 23-14. 2.ª parte: 12-22.

•

BEIRA-MAR (33) — Rui Ferreira (2), Jorge Azevedo (1), António Matias (3), Paulo Mendonça (6), Pedro Pereira (2), José Estima (9), Jorge Carvalho (5), Vítor Dias (2), António Vicente (3) e Orlando Mouro.

PORTO (51) — Miguel Carvalheira (9), Luís Filipe (9), Rui Tavares (3), Célio Monteiro (4), Manuel Frias (1), Paulo Pereira (14), João Sotto Mayor (7), António Gomes, Carlos Silva (2) e Vasco Silvestre (2).

Arbitraram os «amigos» Francisco Ramos e Carlos Amaral.

1.ª parte: 17-22. 2.ª parte: 16-29.

Xadrez de Notícias

Agueda, L.da). Participaram 93 corredores (seniores «A» e «B») representando as principais colectividades do País.

▩ Num jogo amistoso, realizado na Segunda-feira de Páscoa, o Sporting de Espinho derrotou o Beira-Mar, por 2-1. A partida efectuou-se no Campo da Avenida, servindo para rodagem dos futebolistas das duas turmas, na paragem do Campeonato da I Divisão.

▩ Nas piscinas de Coimbra (em 24 de Março) e do Fluvial Portuense (em 29 de Março), disputaram-se as eliminatórias Centro/Sul e Norte do Torneio de Natação do Sporting Clube de Aveiro — cujas finais se encontram marcadas para esta cidade, no dia 26 de Abril, a partir das 16 horas.

CICLISMO

SENIORES «B»

1.º — Carlos Pires (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 4 h. 44 m. 40 s. 2.º — Eduardo Correia (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 4 h. 45 m. 29 s. 3.º — António Pires (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 4 h. 45 m. 41 s. 4.º — Armando Ventura (Avanca — Primalba), 4 h. 45 m. 54 s. 5.º — Pedro Relvão (Sheiko), 4 h. 46 m. 36 s. 6.º — Manuel Gomes (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 4 h. 47 m. 21 s. 7.º — José Ribeiro (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 4 h. 48 m. 51 s. 8.º — Joaquim Martins (Sheiko), 4 h. 54 m. 27 s. 9.º — António Chibante (Avanca — Primalba), 4 h. 59 m. 36 s. 10.º — António Relvão (Sheiko), 5 h. 2 m. 7 s. 11.º — Celso Ferreira (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), só presente na segunda prova. 12.º — Rui Serra (Individual), só presente na segunda prova. 13.º — Adriano Pedro (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), só presente na primeira prova. 14.º — António Leite (Avanca — Primalba), só presente na primeira prova. 15.º — Manuel Venâncio (Avanca — Primalba), só presente na primeira prova.

JUNIORES

1.º — Manuel Sá Neves (Travanca — Sá & Portela), 4 h. 8 m. 5 s. 2.º — Carlos Dias (Travanca — Sá & Portela), 4 h. 9 m. 21 s. 3.º — Manuel Vilar (Académica de Espinho), 4 h. 13 m. 16 s. 4.º — Vítor Teresinho (Académica de Espinho), 4 h. 15 m. 5.º — Manuel Santos (Travanca — Sá & Portela), 4 h. 18 m. 40 s. 6.º — Luís Faustino (Académica de Espinho), 4 h. 22 m. 42 s. 7.º — Vítor Nogueira (Académica de Espinho), 4 h. 23 m. 26 s. 8.º — Humberto Santos (Académica de Espinho), só presente na segunda prova.

ATLETISMO

Leonor — todos do BEIRA-MAR. Carlos Nóbrega e Maria José Barão — do GALITOS. Francisco Duarte, Fula Gomes e António Branco — da OVARENSE. António Godinho — do ARADA. Manuel Viela, Xavier de Sousa, Alexandre Costa, João Milheiro, Olívia Elvas, Mimosa Eduardo, Cristina Eduardo, Isilda Eduardo e Natália Pinho — todos do FURADOURO. Vítor Gonçalves, Domingos Oliveira, António Pinho, Clarinda Faria, Isabel Pinho e Ondina Graça — todos da SANJOANENSE. Rui Barbosa e Albano Braga — da CODAL. Esperança Mateiro — de «OS ÍLHAVOS». Lucinda Leal — do ESTARREJA.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 35 DO «TOTOBOLA»

20 de Abril de 1980

1	Marítimo — Guimarães	1
2	Beira-Mar — U. Leiria	1
3	Rio Ave — Belenenses	2
4	Setúbal — Sporting	2
5	Benfica — Varzim	1
6	Portimonense — Boavista	2
7	Braga — Espinho	1
8	Lourosa — Famalicão	1
9	Riopele — U. Lamas	1
10	U. Coimbra — Académico	2
11	U. Tomar — Mangualde	1
12	Lusitano — Farense	1
13	Barreirense — Oriental	1

NAVALRIA — Docas, Construções e Reparações Navais, S. A. R. L.

Relatório, Balanço, Contas e Relatório/Parecer do Conselho Fiscal

EXERCÍCIO DE 1979

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

I — Prosseguiram as obras de construção dos blocos oficinal, administrativo e social, embora não ao ritmo pretendido por razões de diversa natureza, estranhas à vontade da administração.

O atraso verificado prejudicou a laboração intensiva do Estaleiro, que é a grande meta que a administração pretende atingir, quanto antes. Espera-se que, no decurso de 1980, estejam concluídas as obras de construção civil e instalados os respectivos equipamentos.

Iniciaram-se, por outro lado, os trabalhos de implantação do elevador e de construção do respectivo cais e demais instalações, esperando-se que, ainda antes do termo do ano de 1980, tudo esteja em bom funcionamento.

II — É grato à administração poder comunicar aos Senhores Accionistas que o nosso Estaleiro conquistou já grande prestígio, nacional e internacional. Pena é que não se disponha de uma segunda doca seca, tantas as solicitações para as quais não tem capacidade de resposta.

Vamos propor, a quem de direito, a construção da segunda doca seca, prevista há muito.

III — Durante o ano em apreciação, entraram na doca seca 43 navios, com 371 dias de ocupação; na flutuante, 53, com ocupação de 315 dias; nos planos, 66, com 1 406 dias de ocupação e no cais de acabamentos amarraram 43 navios, com 979 dias de ocupação, cais este que se lamenta não tenha maior dimensão.

A facturação privativa da nossa empresa subiu a mais de 60 mil contos e a destinada à JAPA foi de 1 577 674$60, além da renda fixa a que este organismo tem, contratualmente, direito.

IV — Pelo Balanço e Conta de Resultados podem os Senhores Accionistas verificar que a Empresa apresenta estrutura económica e financeira sólida.

A rentabilidade do Capital Social cifrou-se em 20% e a do Capital próprio em 25%. Estes números devem considerar-se bastante aceitáveis, mormente se for levado em linha de conta o facto de se tratar do 1.° ano completo de laboração.

A rentabilidade das vendas foi de 21%, o que sem ser brilhante é contudo bastante animador.

Acredita-se que, após concluído todo o investimento em curso, seja possível vir a obter resultados mais satisfatórios.

Relativamente à situação financeira, pode concluir-se que a Empresa possui um índice de liquidez geral superior a 2 e um índice de solvibilidade total superior a 4, o que denota uma solidez apreciável da Empresa.

Os capitais alheios representam pouco mas de 1/3 do Capital próprio da Empresa.

Pode pois dizer-se com natural regozijo que a Empresa apresenta uma estrutura económica/financeira bastante agradável.

V — O resultado do exercício foi de 7 139 904$00, o que se considera satisfatório tendo em atenção a precariedade das instalações já acima referida.

Propõe-se, para esse resultado, a seguinte distribuição:

Para dividendo (10%) cativo de imposto	5 000 000$00
Para Fundo de amortização do capital investido na área da concessão	1 000 000$00
Para Fundo de conservação das instalações e equipamentos .	720 000$00
Para reserva legal . .	400 000$00
Para reserva livre	19 904$00
TOTAL	7 139 904$00

VI — À Junta Autónoma do Porto de Aveiro e em particular ao seu ilustre Engenheiro Director e seus colaboradores, apresentamos as melhores saudações, havendo a salientar que as relações entre aquele prestigioso organismo e a nossa Empresa se têm processado em excelente clima de mútua colaboração, para o que muito contribuíram a esclarecida compreensão do seu director, Eng.° João de Oliveira Barrosa, e a da sua tão distinta comissão administrativa.

VII — Uma palavra de vivo louvor é devida ao pessoal da Empresa, que tudo tem feito para bem cumprir em eficiência e diligência, com destaque muito particular para o gerente Francisco Pinho, cuja dedicação e capacidade de iniciativa e de decisão são verdadeiramente excepcionais.

VIII — Não nos faltou a pronta colaboração dos Bancos, o que a todos muito se agradece, e de maneira especial ao Borges & Irmão e ao Português do Atlântico.

Aveiro, 20 de Fevereiro de 1980.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Presidente

Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães

Administradores

Fundação Roeder, rep. p/ João Rocha dos Santos
Estaleiros São Jacinto, SARL, rep. p/ Henrique Dambert Moutela
José Maria Vilarinho, L.da, rep. p/ Pedro José Vilarinho Gonçalves Costa
João Jorge Lopes dos Santos

BALANÇO ANALÍTICO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1979

ACTIVO

	Activo bruto	Provisões, amortizações e reintegrações	Activo líquido
DISPONIBILIDADES:			
Caixa	470 038$10		470 038$10
Depósito à ordem	1 303 934$10		1 303 934$10
	1 733 972$20		1 773 972$20
CRÉDITOS A CURTO PRAZO:			
Depósitos a prazo	505 944$50		505 944$50
Clientes c/ gerais	48 228 339$80		48 228 339$80
Adiantamentos a fornecedores . . .	1 653 499$20		1 653 499$20
Outros empréstimos concedidos . .	210 000$00		210 000$00
Outros devedores	11 332 342$45		11 332 342$45
	61 930 125$95		61 930 125$95
EXISTÊNCIAS:			
Produtos e trabalhos em curso . . .	1 867 402$30		1 867 402$30
Matérias-primas, subsidiárias e de consumo	1 696 381$60		1 696 381$60
	3 563 783$90		3 563 783$90
IMOBILIZAÇÕES FINANCEIRAS:			
Obrigações e outros títulos	2 000 000$00		2 000 000$00
	2 000 000$00		2 000 000$00
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS:			
Edifícios e outras construções . . .	1 310 131$50	129 494$90	1 180 636$60
Equipamentos básicos e outras máquinas e instalações	10 490 740$30	1 275 673$00	9 215 067$30
Ferramentas e utensílios	1 994 879$00	340 324$60	1 654 554$40
Material de carga e transporte . .	460 000$00	92 000$00	368 000$00
Equipamento administrativo e social e mobiliário diverso	175 528$60	35 105$50	140 423$10
	14 431 279$40	1 872 598$00	12 558 681$40
IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS:			
Gastos de instalação e expansão . .	429 774$50	222 208$00	207 566$50
	429 774$50	222 208$00	207 566$50
IMOBILIZAÇÕES EM CURSO:			
Obras em curso	14 440 751$10		14 440 751$10
	14 440 751$10		14 440 751$10
Total de amortizações e reintegrações		2 094 806$00	
Total do activo			96 474 881$05

PASSIVO

	Passivo e situação líquida
DÉBITOS A CURTO PRAZO:	
Clientes c/c	4 750 606$70
Fornecedores, c/ gerais	11 136 084$55
Fornecedores, c/ letras e outros títulos a pagar . .	12 104 034$80
Outros empréstimos obtidos	60 000$00
Sector público estatal	3 007 219$10
Sócios (ou Accionistas), c/ gerais	312 980$00
Outros credores, c/ gerais	996 623$00
Provisões para riscos e encargos	6 000 000$00
	38 367 548$15
Total do passivo	38 367 548$15

SITUAÇÃO LÍQUIDA

CAPITAL E PRESTAÇÕES SUPLEMENTARES:	
Capital social/Capital individual	50 000 000$00
	50 000 000$00
RESERVAS:	
Reserva legal	132 000$00
Reservas livres	835 428$90
	967 428$90
RESULTADOS LÍQUIDOS:	
Resultados correntes do exercício	7 240 851$00
Resultados de exercícios anteriores	—100 947$00
Resultados antes dos impostos	7 139 904$00
Resultados líquidos depois dos impostos . . .	7 139 904$00
Total da situação líquida	58 107 332$90
Total do passivo e da situação líquida	96 474 881$05

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS DO EXERCÍCIO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1979

		Deduções em compras		
COMPRAS:				
Matérias-primas, subsidiárias e de consumo	11 776 798$80	16 663$80	11 760 135$00	
EXISTÊNCIAS FINAIS:	11 776 798$80	16 663$80	11 760 135$00	
Matérias-primas, subsidiárias e de consumo			1 696 381$60	
CUSTO DAS EXISTÊNCIAS, VENDIDAS E CONSUMIDAS:			1 696 381$60	
Matérias-primas, subsidiárias e de consumo	10 063 753$40		10 063 753$40	
SUBCONTRATOS	6 499 641$70			
FORNECIMENTOS E SERVIÇOS DE TERCEIROS	5 481 161$90			
IMPOSTOS — INDIRECTOS	246 608$80		12 227 412$40	22 291 165$80
DESPESAS COM O PESSOAL	27 336 771$80			
DESPESSAS FINANCEIRAS	1 222 442$60			
OUTRAS DESPESAS E ENCARGOS	2 512$50		28 561 726$90	
AMORTIZAÇÕES E REINTEGRAÇÕES DO EXERCÍCIO	1 525 816$70			
PROVISÕES DO EXERCÍCIO	6 000 000$00		7 525 816$70	36 087 543$60
(A)				58 378 709$40
PERDAS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES			100 947$00	100 947$00
RESULTADOS LÍQUIDOS				7 139 904$00
				65 619 560$40

		Deduções em vendas		
VENDAS DE MERCADORIAS E PRODUTOS:				
Mercadorias	974 846$70	42 474$70	932 372$00	
Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos	42 092 $00		42 092$00	
	1 016 938$70	42 474$70	974 464$00	
PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS	59 689 115$10		59 689 115$10	60 663 759$10
TRABALHOS PARA A PRÓPRIA EMPRESA				2 229 978$60
VARIAÇÃO DE PRODUÇÕES — EXISTÊNCIAS FINAIS:				
Produtos e trabalhos em curso	1 867 402$30		1 867 402$30	
RECEITAS SUPLEMENTARES	382 952$80		382 952$80	2 250 355$10
				65 206 912$80
RECEITAS FINANCEIRAS CORRENTES			13 598$40	
RECEITAS DE APLICAÇÕES FINANCEIRAS			399 049$20	
UTILIZAÇÃO DE PROVISÕES				412 647$60
(B)				65 619 560$40
				65 619 560$40

ANEXO AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

8 — As Existências foram valorizadas ao preço de custo. Os Trabalhos em Curso foram calculados pelo seu custo industrial.

12 — Despesas com o Pessoal:

— Remunerações aos Corpos Gerentes	1 695 623$00
— Ordenados e Salários	19 833 873$60
— Remunerações Adicionais	1 238 304$10
— Encargos s/ Remunerações	3 672 160$20
— Outras desp. c/ o Pessoal	896 810$90
	27 336 771$80

18 — Procedeu-se ao aumento do Capital Social de 25 500 contos para 50 000 contos, que foi totalmente realizado em dinheiro.

21 — Participação no Capital Social de pessoas colectivas de 10 a 25%:
— Estaleiros S. Jacinto, SARL . . . 78,42%

23 — Inventário das Participações Financeiras em 31-Dez.-79:

	Quant.	V. Nominal	V. de Balanço	V. Aquisição
Títulos do Tesouro	2 000	1 000$00	2 000 000$00	2 000 000$00

24 — Movimento das Contas da Situação Líquida:

Contas	Saldo Inicial	Mov. Exercício	Saldo Final
Capital Social	25 500 000$00	24 500 000$00	50 000 000$00
Reserva Legal		132 000$00	132 000$00
Reservas Livres		835 428$90	835 428$90
Resultados Líquidos	2 630 553$90	—2 731 500$90 +7 240 851$00	7 139 904$00

25 — Movimento da Conta de Provisões ocorrido no Exercício:
Foi criada a Provisão de Custos Variáveis do Investimento em curso, no valor de 6 000 000$00.

26 — A Empresa é responsável pelos títulos de acções depositados e que constituem ónus administrativos no montante de 50 000$00.
Prestaram-se garantias bancárias no montante de 575 000$00 e fizemos entrega de efeitos para caução no valor de 2 632 800$00.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1979.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães — presidente
Fundação Roeder, rep. p/ João Rocha dos Santos
Estaleiros S. Jacinto, SARL, rep. p/ Henrique Dambert Moutela
José Maria Vilarinho, L.da, rep. p/ Pedro José Vilarinho Gonçalves Costa
João Jorge Lopes dos Santos

O CONSELHO FISCAL,

Testa & Cunhas, L.da, rep. p/ António Alberto C. Cunha — presidente
José Fidalgo Ribau — vogal
João Maria Vilarinho, Sucrs., L.da, rep. p/ João Manuel Vilarinho
Joaquim de Oliveira Cruz — rev. of. contas efectivo
António Maria da Rocha Grenha — rev. of. contas supl.

O TÉCNICO DE CONTAS,
António Alberto Alves

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, o Conselho Fiscal analisou periodicamente a dinâmica das contas e, por amostragem, com grau elevado de frequência, verificou os elementos básicos de apoio à formação da estrutura económica-financeira da Empresa. Recebeu da Administração e dos Serviços Administrativos todos os esclarecimentos que solicitou sobre a actividade desenvolvida ao longo do Exercíco.

O Conselho Fiscal verificou, também, que as existências foram calculadas em conformidade com as normas legais estabelecidas e que o saldo da conta Caixa expressa o numerário efectivo, em 31 de Dezembro.

As provisões efectuadas demonstram uma preocupação séria de acautelar certos eventos, característicos do sector de actividade em que a Empresa se insere.

O Relatório foca minuciosamente o trabalho desenvolvido pela NAVALRIA e assinala a solidez da sua situação económica-financeira. Será, todavia, de acrescentar que, dado o baixo rácio de liquidez imediata, a Empresa tem dificuldades de tesouraria, sendo de desejar todas as medidas que reforcem o seu «cash flow».

O saldo das contas, do mapa do balanço e documentos anexos, expressam a situação contabilística real da NAVALRIA.

Assim, propomos que sejam aprovados:

a) o Relatório, Balanço e Contas de Resultados sujeitos à Vossa apreciação;

b) a proposta da distribuição dos lucros.

O CONSELHO FISCAL,

aa)
Testa & Cunhas, L.da, rep. p/ António Alberto C. Cunha — Presidente
José Fidalgo Ribau — Vogal
João M. Vilarinho, Sucrs., L.da, rep. p/ João Manuel Mor. R. Vilarinho — Supl.
Joaquim de Oliveira Cruz — Revisor Oficial de Contas — Efectivo
António Maria da Rocha Grenha — Revisor Oficial de Contas — Suplente

CAMPEONATOS NACIONAIS

II DIVISÃO — Fase Final

Concluiu já, em 29 de Março findo, a fase final do Campeonato Nacional da II Divisão. Na Zona Norte, nas derradeiras partidas realizadas, apuraram-se os seguintes resultados gerais:

SÉRIE DOS PRIMEIROS

10.ª jornada

Ac.º Porto — Ac.º Coimbra 76-72
OVARENSE — Naval 91-51
Cdup — Vasco da Gama ... 60-56

SÉRIE DOS ÚLTIMOS

14.ª jornada

Académica — Guifões 60-61
Leça — Vilanovense 65-57
Salesianos — GALITOS 69-43

Jogo em atraso — 2.ª jornada

Guifões — Salesianos 57-49

As classificações finais ficaram ordenadas como a seguir indicamos:

SÉRIE DOS PRIMEIROS

	J	V	D	Bolas	P.
OVARENSE	10	9	1	830-635	19
Ac.º Coimbra	10	7	3	817-756	17
Ac.º Porto	10	6	4	791-717	16
Cdup	10	4	6	732-789	14
Vasco da Gama	10	3	7	585-619	13
Naval (a)	10	1	9	612-851	10

(a) — Averbou uma falta de comparência.

Continua na página 5

TAÇA de PORTUGAL

Estão marcados para amanhã, sábado, os desafios referentes à primeira eliminatória da **Taça de Portugal** para equipas masculinas, disputando-se, na Zona Norte, os seguintes encontros:

Série A

Sporting da Covilhã — Gulfões, Académica — Gaia, Oliveira do Douro — Bairro Latino, Cdup — ILLIABUM, Física do Norte — Francisco d'Holanda, BEIRA-MAR — Leça e Sporting Figueirense — Visar.

Série B

Viana Taurino — Joarsan, OVARENSE — Coimbrões, Vasco da Gama — Desportivo da Covilhã, Académico de Coimbra — Naval 1.º

Continua na página 5

CAMPEONATOS DE FUNDO da A. C. de AVEIRO

A Associação de Ciclismo de Aveiro homologou já os resultados das provas que contaram para os Campeonatos Regionais de Fundo, estabelecendo as seguintes classificações gerais finais:

SENIORES «A»

1.º — Floriano Mendes (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 5 h. 31 m. 42 s. 2.º — José Amaro (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 5 h. 32 m. 39 s. 3.º — António Brás (S.D.C. Vinhos da Bairrada), 5 h. 32 m. 54 s. 4.º — Rui Azevedo (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 5 h. 34 m. 1 s. 5.º — Adão Costa (Arsol — Aluminometais), 5 h. 36 m. 44 s. 6.º — Benjamim Carvalho (Arsol — Aluminometais), 5 h. 37 m. 50 s. 7.º — Herculano Silva (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), 5 h. 40 m. 7 s. 8.º — Manuel Carvalho (Arsol — Aluminometais), 5 h. 47 m. 51 s. 9.º — José Marques (Arsol — Aluminometais), 5 h. 48 m. 1 s. 10.º — Manuel Oliveira (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), só presente na segunda prova. 11.º Álvaro Correia (Arsol — Aluminometais), só presente na segunda prova. 12.º — Luís Gregório (S.D.C. — Vinhos da Bairrada), só presente na primeira prova.

Continua na página 5

I TORNEIO DE MINIBASQUETE DO BEIRA-MAR

No penúltimo fim-de-semana, no início das férias da Páscoa, o Beira-Mar organizou, no seu pavilhão, um torneio de minibasquete — conforme notícias que o LITORAL publicou, em antecedentes edições.

Foi-nos impossível obter, a tempo de incluirmos no presente número, gravuras para ilustrar o presente texto, em que (como prometemos), voltamos a falar do excelente êxito que os elementos da Secção de Basquetebol do Beira-Mar (dirigentes e técnicos) obtiveram com a organização — magnífica, a todos os títulos! — do seu I Torneio de Minibasquete, um êxito e um triunfo assinaláveis, que importará repetir e que, por certo, vai ter continuidade e, porventura, maior projecção em anos futuros.

Dentro do condicionalismo atrás apontado, incluímos, hoje, breves resenhas dos jogos que se efectuaram — e cujos resultados vieram a proporcionar vitória ao conjunto do Futebol Clube do Porto, como tivemos ensejo de noticiar na semana finda. Noutra oportunidade, tornaremos a trazer às colunas do LITORAL apontamentos alusivos a este torneio, que bem pode considerar-se um marco, no basquetebol beiramarense e no basquetebol aveirense.

Assim, tivemos:

BEIRA-MAR (67) — Rui Ferreira (17), Jorge Azevedo, António Matias (6), Paulo Mendonça (6), Pedro Pereira (9), José Estima (8), Jorge Carvalho (6), Vítor Dias (6), António Vicente (3) e Orlando Mouro (6).

SANGALHOS (26) — João Seabra, Filipe Dias, Pedro Santos (2), Hermes Cruz (4), Tó Maia (11), Tomé Moreira (1), Miguel Teixeira, Joaquim Pacheco, Edgar Baptista (8) e Álvaro Oliveira.

Arbitraram os «amigos» Francisco Ramos e Jorge Alves.

1.ª parte: 34-11. 2.ª parte: 33-15.

●

PORTO (62) — João Patrício (6), Miguel Carvalheira (7), Luís Filipe (9), Rui Tavares (8), Célio Monteiro, Manuel Frias (13), Paulo Pereira (14), João Sotto Mayor (2), António Gomes e Vasco Silvestre (3).

SALESIANOS (30) — António Pinto (3), Jorge Arantes (3), Carlos Carvalho (4), Adriano Ferrão, Artur Carvalho (1), Abílio Duarte (3), Luís Alberto (4), Rui Nascimento (2), Paulo Correia (5), e Paulo Campos (5).

Arbitraram os «amigos» Francisco Ramos e João Carvalho.

1.ª parte: 32-8. 2.ª parte: 30-22.

●

SANGALHOS (36) — João Seabra (2), Álvaro Oliveira, Pedro Santos (6), Hermes Cruz, Edgar Baptista (8), Tó Maia (4), Carlos Santiago (8), Carlos Tomé (4), Miguel Teixeira (2) e Joaquim Pacheco.

PORTO (51) — António Santos, João Patrício (3), Luís Filipe, Rui Tavares (7), Manuel Frias (6), Paulo Pereira (10), João Sotto Mayor (13), António Gomes (2), Carlos Silva (5) e Vasco Silvestre (5).

Arbitraram os «amigos» Carlos Amaral e João Carvalho.

1.ª parte: 16-26. 2.ª parte: 20-25.

●

BEIRA-MAR (38) — Rui Ferreira (1), Jorge Azevedo (2), António Matias (2), Paulo Mendonça (9), Pedro Pereira (7), José Estima (7), Jorge Carvalho (5), Vítor Dias (1), António Vicente (2) e Orlando Mouro (2).

SALESIANOS (14) — António Pinto, Jorge Arantes (1), Carlos

Continua na página 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

■ Os novos dirigentes do Esgueira vão organizar, a partir de Maio próximo, o **Torneio da Primavera**, em basquetebol — prova destinada à captação de novos praticantes da modalidade. E asseguraram, desde já, o concurso do técnico João Peixinha, para treinador das suas equipas de seniores, na próxima temporada.

■ Depois da já habitual paragem no período da Páscoa, as provas nacionais e distritais de futebol regressam, no próximo fim-de-semana. No «Nacional» da I Divisão, o Beira-Mar tem nova deslocação difícil, a Guimarães, onde jogará com o Vitória minhoto.

■ Com início às 15 horas do dia 25 de Abril, vai disputar-se, em Vilar, o **II Grande Prémio do CREVI «25 de ABRIL»** — organizado pelo CREVI — Núcleo Cultural e Recreativo de Vilar.

As provas são destinadas a atletas filiados e não-filiados, estando programadas corridas (em vários escalões etários) de 200 metros, 1 250 metros, 2 600 metros e 5 200 metros.

■ Alexandre Rua, da Coelima, foi o vencedor do **I Prémio** U.C.A.L., competição organizada no sábado pela Associação de Ciclismo de Aveiro, com patrocínio da U.C.A.L. (União Ciclista de

Continua na página 5

CURSO DE FORMAÇÃO DE MONITORES

A Delegação de Aveiro da Direcção-Geral de Desportos, com apoio da Associação de Natação de Aveiro, vai levar a efeito um Curso de Formação de Animadores-Monitores de Natação, nos dias 3 e 4 de Maio próximo.

As inscrições, gratuitas, encontram-se abertas até 28 de Abril corrente, podendo ser feitas na Delegação da D.G.D. (na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho) ou na Associação de Natação de Aveiro (no Pavilhão Gimnodesportivo, à Rua de Jaime Moniz).

«POP CROSS»

COMEÇOU a disputar-se, no último domingo de Março findo, mais uma época de «Pop Cross», realizando-se, em Miratejo (perto de Almada), a primeira prova incluída no programa do Campeonato Nacional da emotiva e espectacular modalidade.

Aveiro, que no Desporto Automóvel tem largas tradições (recordamos o saudoso Corte-Real Pereira, António Peixinho e Martins Pereira), esteve presente, com quatro pilotos, nas corridas disputadas em Almada: dois deles, Dr. Humberto Rocha e o debutante João Martins (ambos por avarias) não viriam a classificar-se para as «mangas» decisivas. No entanto, Carlos Cravo classificou-se no sexto lugar; e José Carlos Quintela Lucas (carro 73, na foto, num momento em que seguia em segundo lugar) alcançou um magnífico terceiro posto, logo depois dos consagrados Inverno Amaral e Nuno Navarro. Uma classificação digna de realce, a de Quintela Lucas — apostado em continuar a época de triunfos do aveirense Manuel Almeida Marques (campeão nacional na temporada finda), que se encontra retirado já de provas oficiais de «Pop Cross».

No I BRAGA-AVEIRO

os aveirenses triunfaram, por 100-86

No passado sábado, no Estádio de Vila Nova de Famalicão, disputou-se o I Braga — Aveiro, em atletismo, que concluiu com vitória dos aveirenses, pela marca de 100-86 — sendo apuradas as seguintes pontuações: em masculinos, Aveiro, 51 — Braga, 42; e, em femininos, Aveiro, 49 — Braga, 44.

Na impossibilidade de registarmos (desde já) os resultados técnicos das várias provas que integraram o encontro, referiremos que o aveirense Luís Pinhal estabeleceu novo record regional nos 1 500 metros, com a marca de 3 m. 51,5 s.

A selecção aveirense, chefiada pelo Presidente da Associação de Atletismo de Aveiro, Octaviano Costa, teve como técnicos responsáveis Mário Cordeiro (sector masculino) e Prof. João Vieira (sector feminino). Fizeram parte do grupo de Aveiro os seguintes atletas:

Carlos Carvalhal, Élio Simões, Luís Pinhal, João Branco, Regina Gonçalves, Rosa Gonçalves e Rosa

Continua na página 5